

Brasil e Cabo Verde – uma ponte de afetos

Brazil and Cape Verde – a bridge of affection

FÁTIMA BETTENCOURT*

RESUMO: ALGUNS DOS MUITOS POSSÍVEIS E EXISTENTES DIÁLOGOS ENTRE CABO VERDE E BRASIL, PAÍSES TÃO PARECIDOS, ENTRE OUTROS ASPECTOS, NAS RAÍZES, NA CULTURA, NO RITMO, NA COR, NA MÚSICA, NA CULINÁRIA, NO JEITO DE ESTAR, NA ALEGRIA E NA ESPONTANEIDADE, SÃO APRESENTADOS NESTE TEXTO.

ABSTRACT: SOME OF THE POSSIBLE AND EXISTING DIALOGUES BETWEEN CAPE VERDE AND BRAZIL, COUNTRIES WHICH ARE SO SIMILAR IN THEIR ROOTS, CULTURE, RHYTHM. COLOR, MUSIC, COOKING, THE WAY OF BEING, THE HAPPINESS AND SPONTANEITY AMONG OTHERS ARE PRESENTED IN THIS TEXT.

PALAVRAS-CHAVE: CABO VERDE; BRASIL; ÁFRICA; DIÁLOGOS.

KEYWORDS: CAPE VERDE; BRAZIL; AFRICA; DIALOGUES.

* Escritora cabo-verdiana. Associação dos Escritores Cabo-verdianos, Praia, Ilha de Santiago, Cabo Verde. E-mail: hfatimabettencourt@hotmail.com.

Introdução

*O jornalista de hoje tem de ser isento, não deve expor-se.
Seus sentimentos pessoais não interessam a ninguém.*

(Carlos Heitor Cony)

Com todo o respeito e admiração que nutro pelo insigne cronista, escritor e acadêmico, é em regime de exceção que me permitirei não banir completamente a emoção ao tratar o tema proposto em virtude dos laços fraternos que ligam os dois países e povos a despeito das dimensões e importância relativas de um e de outro: o Brasil, um gigante no contexto da América do Sul, e Cabo Verde, dez ilhas perdidas no Atlântico, invisível na maior parte dos mapas.

Ainda que nas antípodas um do outro em termos físicos, econômicos, de recursos naturais, importância política no concerto das Nações e em muitas e variadas vertentes, é espantoso o leque de afinidades e semelhanças entre os dois povos, bem como as manifestações de afeto que dum e doutro lado do mar estenderam pontes que prevalecem cada vez mais fortes e promissoras, através dos tempos até os dias de hoje, em que a cooperação, nomeadamente com o Estado do Ceará, vive um momento muito significativo com um sem número de programas em desenvolvimento e centenas senão milhares de estudantes cabo-verdianos frequentando cursos superiores, médios e profissionais em Escolas e Universidades espalhadas pelo Brasil inteiro.

Fundamentos Históricos

Foi no ano de 1500 que o Almirante português Pedro Álvares Cabral, viajando para a Índia, teve de repente a ideia de se desviar para Ocidente e em tão feliz momento o fez que acabou por descobrir o Brasil no dia 22 de abril. Deu-lhe então o nome de Vera Cruz, logo substituído por Santa Cruz e mais tarde Brasil. Ainda que várias outras nações andassem rondando pela zona, o certo é que Pedro Álvares Cabral tomou posse formal da terra em nome do seu Rei D. Manuel I de Portugal. Mas só em 1531 é que seria tentada a primeira experiência colonizadora do novo domínio, tendo Portugal enviado

para tal uma esquadra e 300 colonos liderados por Martim Afonso de Sousa, que fundou São Vicente e, mais para o interior, Piratininga, atual São Paulo.

Quarenta anos antes (1460), alguns navegadores da Casa do Infante tinham achado as Ilhas de Cabo Verde. Há controvérsias quanto à identificação segura desses homens: fala-se em Luís de Cadamosto, Gonçalves Dias, Diogo Gomes, António da Noli, sendo este último o que reúne maior consenso como achador da Ilha de Santiago e das restantes ilhas do Arquipélago de Cabo Verde. Desertas, pobres de recursos naturais, ninguém suspeitaria então dos fortes laços que ligariam mais tarde ao Brasil.

Segundo o Historiador cabo-verdiano António Leão Correia e Silva¹, no seu livro *Combates pela História*, “as relações entre Brasil e Cabo Verde perdem-se no tempo”, pois a colonização do primeiro a seguir a 1500 foi feita a partir de Cabo Verde, uma vez que o Arquipélago, transformado em entreposto do comércio escravo e ao mesmo tempo laboratório de pesquisas e experiências de natureza vária, iria fornecer ao Brasil a mão de obra necessária à exploração dos seus vastos recursos naturais. Além de homens, Cabo Verde forneceria ao Brasil animais e plantas, como se verifica por registro do historiador atrás referido citando o Senhor de Engenho Gabriel Soares de Souza, que teria deixado documento escrito atestando que os primeiros inhames, as primeiras cabras e vacas que chegaram à Bahia foram da ilha de Cabo Verde (designação antiga para referir a ilha de Santiago).

Correia e Silva, na mesma obra, ainda acrescenta que estilos de vida e modos de organização da sociedade foram igualmente transplantados das ilhas onde, aliás, se construiu pela primeira vez uma sociedade de convívio prolongado entre negros e brancos.

Segundo outro historiador cabo-verdiano, Daniel Pereira², “o Navegador António da Noli foi também o iniciador da grande aventura da ocupação humana do Arquipélago cabo-verdiano” a partir do sítio da Ribeira Grande, ocupando o vale e ensaiando as primeiras culturas rudimentares. Ali, os europeus ergueram a primeira cidade portuguesa na África subsahariana, o exato lugar de experimentação de homens, animais e plantas, uma espécie de “placa

1. Historiador, sociólogo e escritor. Autor de vários livros e da *História Geral de Cabo Verde*. Foi Reitor da Universidade de Cabo Verde e, atualmente, é Ministro da Educação e Ensino Superior.

2. Diplomata, Historiador e Escritor. É Embaixador de Cabo Verde no Brasil.

giratória entre 3 continentes, recebendo de todos e a todos dando”, segundo a feliz expressão de Daniel Pereira respigada da sua obra *A Importância Histórica da Cidade Velha*. Infelizmente, a época áurea da Ribeira Grande, hoje Cidade Velha (e Patrimônio da Humanidade), durou pouco mais de um século, restando dela apenas ruínas, atualmente em recuperação.

Afinidades

O Brasil é considerado pelo cabo-verdiano como um irmão, tão parecidos nas raízes comuns, na cultura, no ritmo, na cor, na música, na culinária, no jeito de estar, na alegria, na espontaneidade, no pique. Os trovadores cabo-verdianos até dizem que Cabo Verde é um pedacinho do Brasil. Entre eles se distingue o compositor B. Léza como exemplo mais carismático por ter introduzido o meio-tom na morna tradicional, imprimindo-lhe um particular sabor.

No Nordeste brasileiro, as semelhanças são tão flagrantes na forma de estar, nos cheiros e sabores africanos que espantam a todos que visitam, por exemplo, a Bahia; em Fortaleza, é praticamente impossível distinguir os estudantes cabo-verdianos dos brasileiros, todos se misturam e se confundem, aliás, por todo o Brasil lá estão eles, os crioulos, com o mesmo jeito de se divertirem em grupo, todos curtem o mesmo violão, os mesmos ritmos, o Carnaval muito semelhante, brindam com a mesma caipirinha (brasileira) ou um ponche das ilhas crioulas.

Os estudantes cabo-verdianos, no Brasil, sentem-se em casa tal como outrora os marinheiros brasileiros se entrosaram com os violões cabo-verdianos no Porto Grande de São Vicente através do qual se fazia a cosmopolitização do Arquipélago. Foi ali, na amável cidade do Mindelo, que o trovador B. Léza, já citado aqui, se deslocou a bordo de um Loyd brasileiro com o seu famoso violão, o “Bronze”, para mostrar os seus talentos e, no fim, ouviu de um brasileiro gozão o seguinte comentário: “Leva jeito, rapaz, si continuá é capaz di aprendê”. Foi gargalhada geral, mas o músico dedicou-se de tal forma ao seu instrumento que, numa próxima viagem, ouviu um brasileiro enlevado murmurar: “Qui beleza!”, de onde vem o apelido por que ficou conhecido Francisco Xavier da Cruz – B. LÉZA – o inesquecível autor da morna “Brasil” cujo original crioulo diz mimos como este:

Brasil, bô ê nosso irmão
 Sim c'ma nôs bô ê moreno
 Brasil, nô crêbo tcheu
 Nô crêbo tcheu di coração.

(Tradução)

Brasil, és nosso irmão
 És moreno como nós
 Brasil, nós te amamos
 No fundo do nosso coração.

Não é possível falar da fase atual da cooperação entre os dois países e povos sem aprofundar esse lastro fraterno de trocas afetivas e culturais e ainda de sangue que desde sempre liga e irmana os dois povos. É aí que entra o cidadão comum, o homem e a mulher anônimos que conseguem essa coisa mágica que é a fusão de povos e culturas que comungam profundos laços e têm a felicidade de poder expressá-los através duma língua comum. E disso não tenhamos quaisquer dúvidas, os tratados e acordos serão letra morta se o cidadão comum não colocar neles o seu calor, a sua música, a sua arte, a sua literatura, os seus sabores e temperos, as suas danças e ritmos, as suas crenças e tradições, o seu jeito peculiar de ser e estar no mundo.

Vem a propósito lembrar o caso do cabo-verdiano que se notabilizou como pintor e retratista na Corte do Rio de Janeiro. Conhecido no Brasil como Simplício Rodrigues de Sá, esse artista outro não era que o cabo-verdiano Simplício João Rodrigues de Brito nascido na ilha de São Nicolau, Cabo Verde, e que nos finais do século XVIII teria estudado na Casa Pia de Lisboa (pesquisa de Félix Monteiro publicada na *Revista Ponto & Vírgula* de janeiro de 1985).

Mas como teria Simplício chegado à Corte de D. João VI? Julga-se que pela mão de Jean-Baptiste Debret de quem foi aluno exemplar e depois assistente. Debret, pintor francês, chegou ao Brasil em 1816, tendo-se notabilizado primeiro como pintor da Corte e mais tarde pelas suas famosas aquarelas que representam com primor o trabalhador urbano no Brasil, transformando-se assim no maior cronista do cotidiano brasileiro com notável influência nos espíritos pró-abolicionistas da época.

Não admira nada que um homem como esse tenha escolhido o talentoso mestiço cabo-verdiano, Simplício Rodrigues, para seu assistente e o tenha recomendado para preencher o lugar por ele deixado na Corte.

As Pontes e os Afetos

As artes musicais e não só têm sido um terreno privilegiado de trocas entre os dois países, sendo os artistas brasileiros presença constante nos muitos festivais de música que enchem as praias cabo-verdianas de uma vitalidade inusitada durante os meses mais quentes. Grandes estrelas da música brasileira já desfilaram nos palcos das ilhas, como exemplo Martinho da Vila, Daniela Mercury, Gilberto Gil, Elba Ramalho, Quinteto Violado que, por acaso, tem uma ligação antiga com Cabo Verde, tendo gravado no início dos anos 70 um disco com músicos cabo-verdianos, ao tempo estudantes na Universidade de Louvain.

Faz algum tempo, estando Alcione em Luanda, ouviu um colega da banda que lhe dizia:

— Marrom, ouvi aí uma musiquinha de Cabo Verde que é a sua cara!

E a Marrom foi e gravou com a intensidade de que parece ter o monopólio do poema “Mamãe-Velha”, da autoria de Amílcar Cabral³. A mesma música é retomada em 2001 e gravada em dueto por Cesária Évora e Caetano Veloso.

Carlinhos Brown gravou “Direito de Nascê”, do compositor cabo-verdiano Manel d’Novas.

Martinho da Vila, só ou com Celina Pereira, inclui algumas músicas cabo-verdianas no seu disco *Lusofonia*. Isto só para citar alguns exemplos.

A influência da música brasileira nos cabo-verdianos vem de muito longe. Cantadores cabo-verdianos nascidos na 1ª década do século XX a ela se dedicaram com o mesmo calor que puseram na música do seu país.

As afinidades literárias também têm um peso considerável no percurso literário das elites ilhenhas. Escritores como Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, João Cabral de Melo Neto, Lygia Fagundes Telles, Vinícius de Moraes, Drummond e outros são comuns nas estantes dos intelectuais cabo-verdianos ao lado dos nativos Jorge Barbosa, Baltasar Lopes da Silva,

3. Poeta, agrônomo e um dos maiores líderes Africanos. É o pai da Pátria Cabo-verdiana.

Manuel Lopes, que se organizaram nos finais dos anos 30 e lançaram um movimento literário e uma revista intitulada *CLARIDADE*, que se veio a revelar uma força aglutinadora imensa e cujos ecos soam até hoje.

Conclusão

Com a profusão de estudantes cabo-verdianos nas Universidades brasileiras; com os programas de cooperação em ritmo crescente; com as duas culturas se entrecruzando e se intensificando, a ligação que foi de sangue nos idos de quinhentos volta a sê-lo agora numa fusão que tem tudo para dar certo, estendendo sólidas pontes de afeto entre os dois povos cada vez mais fortes, cada dia mais harmoniosas.

Autora convidada.